

Ação do BNDES sobre o Emprego Formal: Efeito nas Empresas Financiadas

ROBERTO DE OLIVEIRA PEREIRA*

RESUMO O artigo apresenta um modelo para medir a efetividade do apoio do BNDES com relação ao efeito sobre o emprego. O modelo se baseia na comparação da evolução do número de postos de trabalho nas empresas apoiadas com um grupo de empresas não-apoiadas de perfil semelhante. Foi realizada uma aplicação do modelo para o período de 1999 até 2004. Concluiu-se que as empresas apoiadas pelo BNDES tiveram, em média, uma *performance* superior à das não-apoiadas em 6,71% ao ano, o que significou a geração ou a manutenção de 89 mil empregos por ano. Verificou-se também que o efeito dos financiamentos do BNDES é maior nas micro, pequenas e médias empresas (MPME) do que nas empresas de grande porte. Ademais, constatou-se que empresas que contrataram mais de um financiamento no período apresentaram, no agregado, crescimento sustentado na quantidade de postos de trabalho ao longo do período estudado, até mesmo em anos de baixo crescimento da economia do país.

ABSTRACT *The article presents a model to measure the effectiveness of BNDES's support as to the effect upon employment. The model is based on the comparison of the evolution of the number of job posts found within supported companies with another group of non-supported companies of similar profile. The application of the model was carried out between the period encompassing 1999 to 2004. It was concluded that the companies supported by BNDES had – on average – superior performance to the non-supported ones, equivalent to 6.71% per year, which meant the generation or maintenance of 89 thousand jobs per year. It was also verified that the effect of BNDES financings is greater upon micro, small and medium-sized companies [MPME] than upon large-sized companies. Moreover, it was found that companies that hired more than one financing during the period presented, within the aggregated amount, sustained growth in the quality of the job posts through the studied period, even during the years in which the country yielded low economic growth.*

* Engenheiro do BNDES.

1. Introdução

A década de 1990 caracterizou-se pela política de abertura comercial do país, que induziu as empresas a um esforço de redução de custos e a um incremento de produtividade. Parcela substancial da demanda das empresas por empréstimos do BNDES foi voltada para modernização, o que abrangia mesmo investimentos muitas vezes poupadores de mão-de-obra. Assim, o Banco passou a ser cada vez mais cobrado pela sociedade e, em particular, pelos representantes dos trabalhadores no Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (Codefat),¹ sobre os resultados da aplicação dos recursos do FAT (importante fonte de fundos do BNDES) na geração de empregos.

Em função desse cenário, a Área de Planejamento do BNDES desenvolveu, ao longo da década de 1990, um conjunto de estudos acerca dos efeitos da ação do Banco sobre o emprego. A seguir, são reproduzidos alguns conceitos e resultados dessas pesquisas.

O efeito da ação financiadora do BNDES sobre o emprego, em cada projeto financiado, poderia ser descrito em dois momentos no tempo:

- a) na fase de implantação do projeto (emprego efetivo), quando são comprados os bens de investimento das empresas de construção civil e das produtoras de máquinas e equipamentos. Em virtude da demanda adicional pelos bens de investimento, são gerados/mantidos empregos diretos nessas empresas, empregos indiretos referentes às compras nas respectivas cadeias produtivas e, finalmente, os empregos oriundos do consumo desses trabalhadores, isto é, aqueles advindos do denominado efeito-renda; e
- b) na fase de produção (emprego potencial), quando o projeto entra em operação. Nessa fase são gerados os empregos diretos do projeto implantado, os indiretos na cadeia produtiva e novamente aqueles oriundos do efeito-renda.

Para estimar o conjunto dos empregos gerados e/ou mantidos anualmente pelos desembolsos do Banco, Najberg e Ikeda (1999) utilizaram coeficientes

1 O Codefat tem representação tripartite: dos trabalhadores, do governo e do setor privado.

técnicos setoriais de produção, emprego, consumo intermediário e consumo das famílias, calculados com base em estatísticas do IBGE, tais como Contas Nacionais e Matriz Insumo-Produto. O modelo proposto (Modelo de Geração de Empregos do BNDES – MGE) calcula o número de empregos gerados/mantidos resultantes de um aumento na demanda de cada um dos 42 setores da Matriz Insumo-Produto do IBGE.

Apesar de o MGE fornecer uma “estimativa” do efeito da ação financiadora do BNDES sobre o emprego, esse efeito não é “observável”. Ou seja, não se podem identificar os postos de trabalho gerados/mantidos pela ação do Banco.

Mais recentemente, a Área de Planejamento elaborou estudo [Palatnik, Pereira e Najberg (2003)] que avaliou a evolução do emprego nos estabelecimentos apoiados pelo BNDES, em comparação com estabelecimentos não-apoiados, durante determinado período. Esse estudo abordou de forma empírica (observável) os efeitos da ação do BNDES sobre o emprego. O objetivo central foi definir se o apoio do BNDES provoca efeito empregador ou desempregador nas empresas financiadas.

O presente estudo tem por objetivo aprimorar o tratamento metodológico desenvolvido em Palatnik, Pereira e Najberg (2003). Está estruturado em quatro seções, além desta Introdução. Na segunda seção, foi feito um resumo do método adotado no estudo anterior e dos resultados obtidos. Na terceira seção, são descritas e justificadas as alterações metodológicas operadas no presente estudo. Na quarta seção, são apresentados os resultados e, finalmente, na quinta seção são resumidas as conclusões.

2. Resumo Metodológico

Conceitos

Conforme literatura especializada [Draibe (2002)], as avaliações de resultados de políticas públicas podem ser realizadas em três diferentes níveis:

- desempenho ou resultado (em sentido estrito): avaliação do percentual de cumprimento das metas da política ou programa;
- impactos: avaliação das alterações ou mudanças efetivas na realidade sobre a qual o programa intervém; e

- efeitos: outros impactos do programa, esperados ou não, que afetam o meio social e/ou institucional no qual o programa se realizou.

No caso do BNDES, a avaliação de desempenho corresponderia ao acompanhamento dos desembolsos do Banco; a avaliação de impacto seria medida, por exemplo, pela ampliação da capacidade produtiva do país ou de sua infra-estrutura; e, por último, a avaliação de efeitos poderia medir, entre outras, alterações no mercado de trabalho. Portanto, a avaliação que ora se processa, conforme a taxonomia citada, diz respeito a efeitos da ação do BNDES, tendo em vista que a influência no mercado de trabalho não é atividade primária do Banco, sendo tal um efeito indireto de sua ação sobre o meio social/institucional.

Quanto aos indicadores utilizados para avaliações de resultados, em particular nas avaliações de impacto e de efeitos, chama-se a atenção para a necessidade de comparação do público-alvo do programa antes de sua realização com esse público após sua realização. Como nem sempre isso é possível, uma alternativa metodologicamente densa é a comparação com um grupo de controle, que deve ser composto por indivíduos com as mesmas características do público-alvo e submetido às mesmas condições ambientais, à exceção do programa em avaliação. Assim, as diferenças porventura existentes entre o público-alvo e o grupo de controle seriam unicamente devidas à ação do programa [Draibe (2002)].

Procedimentos Adotados

Em Palatnik, Pereira e Najberg (2003), buscou-se medir a evolução, durante determinado período, do número de empregados em estabelecimentos que contaram com o apoio do BNDES, confrontada com a evolução ocorrida no restante da economia formal, no mesmo intervalo de tempo. Em vez de um grupo de controle real, simulou-se a evolução de um grupo de firmas com o mesmo perfil do grupo apoiado pelo BNDES, através de procedimentos metodológicos que serão detalhados adiante.

Observou-se a evolução do número de empregados existentes entre o fim de 1999 e o fim de 2001 para os dois conjuntos de firmas: as apoiadas e as não-apoiadas pelo BNDES durante o ano de 1999.² Essa escolha levou em

² Excluiu-se do conjunto das firmas apoiadas em 1999 aquelas que tiveram contratos com o BNDES em 1998 ou 2000.

consideração que o prazo médio de desembolso de operações de crédito realizadas pelo Banco era de cerca de 11 meses. Assim, o pressuposto foi que o conjunto de estabelecimentos apoiados ao longo de 1999 teve desembolsos nos projetos ainda em parte desse ano e no decorrer de 2000, com reflexos na produção (e, conseqüentemente, na geração e na manutenção dos empregos denominados “potenciais”) preponderantemente desde 2000 até parte de 2001. Por essa razão, tomou-se como ponto de observação do efeito da ação do BNDES a situação do número de empregados no final de 2001, tanto para o conjunto dos apoiados como para o dos não-apoiados.

Os dados foram obtidos do Ministério do Trabalho e Emprego, extraídos da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Note-se que não se escolheu analisar o impacto num período mais recente (por exemplo, entre 2000 e 2002) porque a Rais de 2002 não estava disponível na época daquele estudo.

A unidade de análise adotada foi o estabelecimento (firma) e não a empresa. Os dados primários são o número de empregados (utilizado como *proxy* do porte), a classificação setorial e a região geográfica de cada estabelecimento, discriminado por seu CNPJ, ao final de cada ano. Embora a base de dados da Rais permita uma avaliação de todos os estabelecimentos existentes, optou-se por excluir o conjunto de firmas em que prevalecem os servidores públicos, admitindo-se, portanto, que são outras as influências e regras, e não o apoio do BNDES, que afetam a quantidade de empregos desses estabelecimentos.

Com base nos dados da Rais, são disponíveis os valores das variáveis definidas a seguir:

$E_{p/s/r}^a$ – número de estabelecimentos apoiados em 1999, de porte p , classificados no setor s e localizados na região r .

$E_{p/s/r}^{na}$ – número de estabelecimentos não-apoiados em 1999, de porte p , classificados no setor s e localizados na região r .

$T_{p/s/r,t}^a$ – número total de empregados, no ano t , dos estabelecimentos apoiados em 1999, de porte p , classificados no setor s e localizados na região r .

$T_{p/s/r,t}^{na}$ – número total de empregados, no ano t , dos estabelecimentos não-apoiados em 1999, de porte p , classificados no setor s e localizados na região r .

Simulou-se um grupo de controle, formado pelos estabelecimentos não-apoiados, com perfil idêntico ao grupo de apoiados, conforme o seguinte modelo:

$$(1) = T_{p/s/r,1999}^{na*} = \frac{T_{p/s/r,1999}^{na}}{E_{p/s/r}^{na}} \times E_{p/s/r}^a$$

$$(2) = T_{p/s/r,2001}^{na*} = T_{p/s/r,1999}^{na*} \times \frac{T_{p/s/r,2001}^{na}}{T_{p/s/r,1999}^{na}}$$

onde:

$T_{p/s/r,t}^{na*}$ é o número de trabalhadores do grupo de controle simulado de estabelecimentos não-apoiados no ano t, que pertencem ao mesmo grupo porte/setor/região;

$\frac{T_{p/s/r,1999}^{na}}{E_{p/s/r}^{na}}$ é o número médio de trabalhadores dos estabelecimentos não-apoiados que pertencem ao mesmo grupo porte/setor/região; e

$\frac{T_{p/s/r,2001}^{na}}{T_{p/s/r,1999}^{na}}$ é a taxa observada de crescimento do número de trabalhadores dos estabelecimentos não-apoiados que pertencem ao mesmo grupo porte/setor/região.

Resultados

A Tabela 1 mostra o resultado da comparação simples das diferenças observadas na evolução do número de empregados no universo de estabelecimentos apoiados e não-apoiados, no período de avaliação.

TABELA 1

Evolução no Emprego: Apoiados X Não-Apoiados

LOTE DE ESTABELECIMENTOS	31.12.1999	31.12.2001	VARIAÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGADOS	
	Número de Estabelecimentos	Número de Empregados	Número de Empregados ³	%
Apoiados	11.769	986.663	1.025.566	3,94
Não-Apoiados	4.430.365	17.087.942	16.852.841	-1,38

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Rais e Caged.

3 Note-se que esse número de trabalhadores reflete o total de empregados das firmas sobreviventes e não representa o total da mão-de-obra naquela data (que incluiria os contratados por estabelecimentos novos constituídos entre 1999 e 2001).

Conforme evidenciado na Tabela 1, nas firmas que contaram com financiamentos do Banco, observa-se um crescimento de 3,94% no emprego, enquanto no restante da economia ocorre redução de 1,38% no número de empregados ao final do período. Pode-se assim estimar que as firmas apoiadas pelo BNDES em 1999 apresentavam, em 2001, uma *performance* líquida 5,32 p.p. superior ao conjunto das firmas não-apoiadas. Esse valor pode ser interpretado como composto de duas parcelas: manutenção de 1,38 p.p. dos postos de trabalho que as não-apoiadas cortaram no período e geração de 3,94 p.p. de novos postos de trabalho. Entretanto, dadas as diferenças de perfil entre o lote de firmas apoiadas e o conjunto do mercado, em termos de distribuição por porte, setor e região geográfica, torna-se necessário o ajuste do grupo de firmas não-apoiadas para obter perfil semelhante ao das apoiadas pelo BNDES. Para tal, foram feitas quatro simulações, utilizando o modelo descrito nesta Seção, no item Procedimentos Adotados. O perfil das não-apoiadas foi ajustado em termos de porte, setor e região geográfica, isoladamente, e fez-se uma simulação considerando os três ajustes simultaneamente. A Tabela 2 apresenta os resultados.

A Tabela 2 mostra que, após os ajustes de porte/setor/região, a *performance* em termos de emprego formal das firmas apoiadas pelo BNDES é 15,21 p.p. superior à daquelas não-apoiadas, no período observado. Ademais, constatase que o fator com maior contribuição no ajuste foi o porte, cuja influência isolada elevou o impacto de 5,32 p.p. para 15,14 p.p..

TABELA 2

Evolução no Emprego: Apoiadas X Não-Apoiadas com Ajustes
Resumo das Estimativas de Impacto

LOTE DE ESTABELECIMENTOS	EVOLUÇÃO DO EMPREGO 1999-2001 (%)	IMPACTO TOTAL (p.p.)
Apoiadas	3,94	
Não-Apoiadas sem Ajustes	-1,38	5,32
Não-Apoiadas com Ajuste de Porte	-11,20	15,14
Não-Apoiadas com Ajuste de Setor	-2,41	6,35
Não-Apoiadas com Ajuste de Região	-1,33	5,27
Não-Apoiadas com Ajuste de Porte/Setor/Região	-11,27	15,21

Fonte: Elaboração própria com base em dados da Rais e Caged.

3. Alterações Metodológicas Propostas

Empresa X Estabelecimentos

A unidade de avaliação utilizada no estudo em Palatnik, Pereira e Najberg (2003) foi o estabelecimento, caracterizado por um endereço postal. Empresas podem se constituir de um ou mais estabelecimentos.

A utilização desse critério (estabelecimentos) tem a vantagem de possibilitar análises regionais e setoriais. Entretanto, traz alguns problemas para os objetivos do estudo. Por exemplo, admita-se que uma empresa industrial resolveu realocar uma planta da Região A para a Região B com idêntico número de postos de trabalho e, para tal, contou com um financiamento do BNDES. Admita-se ainda que esse foi o único financiamento que o BNDES concedeu a essa empresa. Assim, o efeito desse financiamento do BNDES sobre o emprego⁴ foi nulo, na medida em que não houve geração líquida de postos de trabalho. Entretanto, o modelo proposto contabilizaria o estabelecimento da Região B no conjunto das apoiadas e o da Região A como participante das não-apoiadas. Evidentemente, o modelo estaria, nesse caso, superestimando o impacto da ação do BNDES sobre o emprego.

Um tratamento mais adequado seria utilizar como unidade de avaliação a empresa e não o estabelecimento. No exemplo acima citado, o modelo contabilizaria a empresa, com todos os seus estabelecimentos, como parte do grupo das apoiadas. Como não houve variação no número de postos de trabalho na empresa (pois as novas contratações em B são compensadas pelas demissões em A), o modelo calcularia corretamente o efeito do financiamento do BNDES.

Infelizmente, empresas com mais de um estabelecimento, que podem estar distribuídos em diferentes regiões geográficas, impedem que se calcule o perfil regional do lote de empresas apoiadas e não-apoiadas. Por outro lado, em empresas com vários estabelecimentos, a classificação setorial é, muitas vezes, de difícil definição e requer uma análise caso a caso. Eventualmente, o setor em que a matriz é classificada não tem relação com a atividade principal da empresa. Por exemplo, a matriz de um grande grupo siderúrgico é uma empresa de participações, classificada no setor de serviços.

4 Trata-se, aqui, só do emprego potencial direto.

Assim, com a utilização da empresa como unidade de avaliação, perde-se a possibilidade de simular ajustes de setor e região. Entretanto, conforme se verificou nos resultados em Palatnik, Pereira e Najberg (2003), observados na Tabela 2, o ajuste com maior contribuição é por porte e, portanto, a adoção do critério empresa implica pequena perda de informações para o ajuste.

Período de Análise e Quantidade de Operações

Em Palatnik, Pereira e Najberg (2003), pretendeu-se captar a influência agregada sobre o emprego em estabelecimentos com um, e apenas um, financiamento do BNDES. No estudo atual, esse objetivo é ampliado para responder algumas questões adicionais:

- se existe diferença significativa no emprego entre empresas que recorrem freqüentemente ao BNDES e aquelas com operações eventuais; e
- se existem diferenças no comportamento do emprego ao longo do tempo, em diferentes conjunturas econômicas, entre as empresas apoiadas pelo BNDES e o restante do mercado.

Para responder essas questões, estendeu-se o acompanhamento para o período de 1999 até 2004. Adicionalmente, desagregou-se o grupo das apoiadas em 1999 em dois subgrupos: as apoiadas somente em 1999 (Grupo [1 contrato]) e aquelas que, além da operação em 1999, contrataram uma ou mais operações no período 2000-2004 (Grupo [+ de 1 contrato]).

Mortalidade de Empresas

Em estudos anteriores da Área de Planejamento do BNDES, ficou evidenciada a alta taxa de mortalidade entre empresas de menor porte, especialmente nos dois primeiros anos de vida. Por outro lado, as empresas apoiadas pelo BNDES, até pelo fato de estarem em fase de investimentos, apresentam taxas baixíssimas de mortalidade. Para isolar o efeito mortalidade do cálculo, optou-se por só considerar as empresas sobreviventes no período analisado.

4. Resultados

A Tabela 3 mostra a evolução do número de postos de trabalho no período de 1999 a 2004 das empresas apoiadas pelo BNDES em 1999.⁵ Foram apoiadas 7.429 empresas, que empregavam 1.324.902 trabalhadores. Entre as apoiadas, 95,4% eram micro, pequenas e médias empresas (MPME).

A Tabela 4 mostra o universo de empresas não-apoiadas no período de 1999 até 2004 e que sobreviveram até 2004. Eram 3,2 milhões de empresas que empregavam quase 14 milhões de trabalhadores em 1999. Pode-se observar que, no conjunto das não-apoiadas, as de maior porte representavam apenas 0,1% do total.

Aplicando-se o modelo proposto no item Procedimentos Adotados apenas para o ajuste por portes, pode-se obter uma simulação do grupo de controle, apresentado na Tabela 5.

TABELA 3

Evolução no Emprego 1999-2004: Empresas Apoiadas

PORTE	Nº DE VÍNCULOS	Nº DE EMPRESAS	PERFIL (%)	EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGADOS					
				1999	2000	2001	2002	2003	2004
Micro	Até 19	3.706	49,9	23.808	38.230	49.936	52.777	44.027	49.190
Pequena	20 a 99	2.138	28,8	98.176	111.072	116.888	122.847	126.570	138.732
Média	100 a 499	1.241	16,7	282.539	309.748	320.449	343.113	338.646	379.864
Grande	Acima de 500	344	4,6	920.379	972.222	1.009.912	1.060.534	1.069.568	1.164.956
Total		7.429	100,0	1.324.902	1.431.272	1.497.185	1.579.271	1.578.811	1.732.742
Evolução do Número de Empregados (1999 = 100)				100	108	113	119	119	131

Fonte: Rais e Caged.

TABELA 4

Evolução no Emprego 1999-2004: Empresas Não-Apoiadas

PORTE	Nº DE VÍNCULOS	Nº DE EMPRESAS	PERFIL (%)	EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGADOS					
				1999	2000	2001	2002	2003	2004
Micro	Até 19	3.086.028	97,0	4.515.461	5.177.721	5.495.568	5.736.871	5.781.912	6.198.659
Pequena	20 a 99	79.088	2,5	3.054.744	3.088.345	3.056.146	3.014.785	2.920.029	3.025.133
Média	100 a 499	12.656	0,4	2.497.207	2.528.788	2.509.219	2.506.536	2.434.647	2.576.408
Grande	Acima de 500	2.196	0,1	3.857.002	3.817.860	3.822.045	3.723.698	3.632.793	3.632.793
Total		3.179.968	100,0	13.924.414	14.612.714	14.882.978	14.981.890	14.769.381	15.432.993
Evolução do Número de Empregados (1999 = 100)				100	105	107	108	106	111

Fonte: Rais e Caged.

5 A diferença do número de postos de trabalho em relação ao obtido em Palatnik, Pereira e Najberg (2003) deve-se à mudança de critérios utilizados, descritos na terceira seção.

TABELA 5

Evolução no Emprego 1999-2004: Empresas Não-Apoiadas com Ajuste de Porte

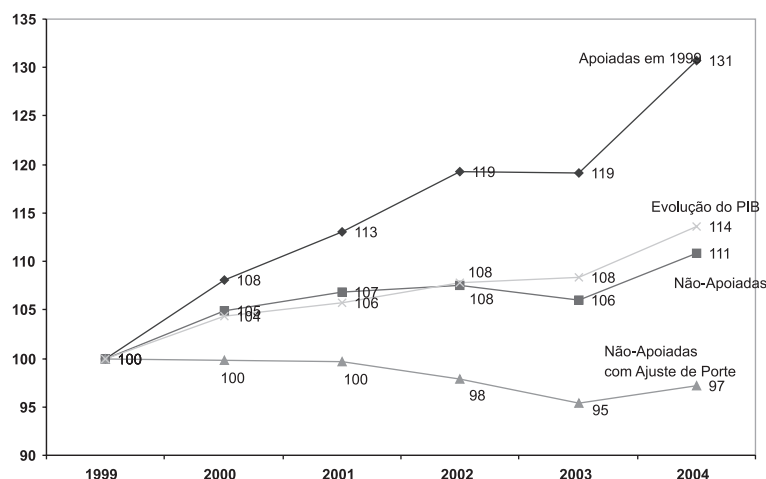
PORTE	Nº DE VÍNCULOS	Nº DE EMPRESAS	PERFIL (%)	EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGADOS					
				1999	2000	2001	2002	2003	2004
Micro	Até 19	3.706	49,9	5.423	6.218	6.600	6.889	6.943	7.444
Pequena	20 a 99	2.138	28,8	82.579	83.488	82.617	81.499	78.938	81.779
Média	100 a 499	1.241	16,7	244.867	247.963	246.045	245.782	238.732	252.633
Grande	Acima de 500	344	4,6	604.193	598.062	598.717	583.312	569.071	569.071
Total		7.429	100,0	937.062	935.731	933.979	917.482	893.685	910.927
Evolução do Número de Empregados (1999 = 100)				100	100	100	98	95	97

Fonte: *Rais e Caged*.

O Gráfico 1 resume os resultados das Tabelas 3, 4 e 5 e inclui a evolução do PIB no período em análise.

Observa-se que a diferença entre os grupos (apoiadas e não-apoiadas com ajuste) em 2001 era de 13 p.p., ligeiramente inferior aos 15 p.p. obtidos em Palatnik, Pereira e Najberg (2003).⁶ Entretanto, essa diferença se amplia com a passagem dos anos, até atingir 34 p.p. em 2004.

GRÁFICO 1

Evolução do Emprego 1999-2004: Empresas Apoiadas em 1999 X Não-Apoiadas

⁶ Provavelmente, o melhor resultado das não-apoiadas no presente estudo se deve à exclusão das empresas não-apoiadas que não sobreviveram até o final do período.

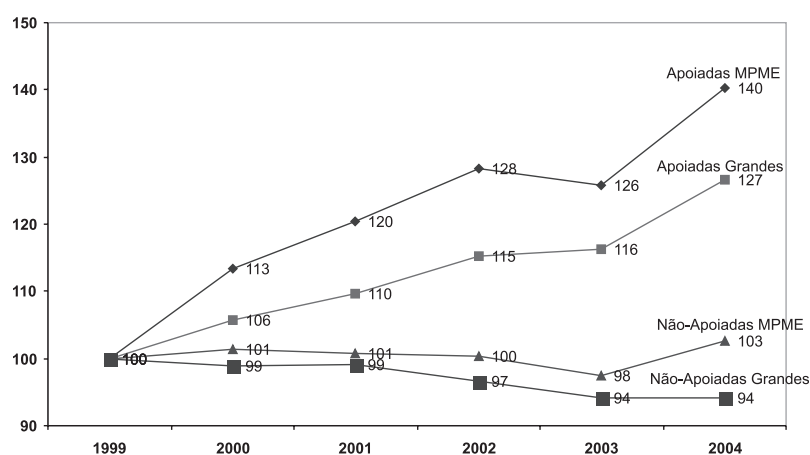
A evolução do número total de postos de trabalho em empresas não-apoiadas apresenta forte correlação com a evolução do PIB. A evolução do grupo de controle simulado – aquele com o perfil ajustado para a mesma proporção de portes das apoiadas – apresenta queda de 3% em relação a 1999.

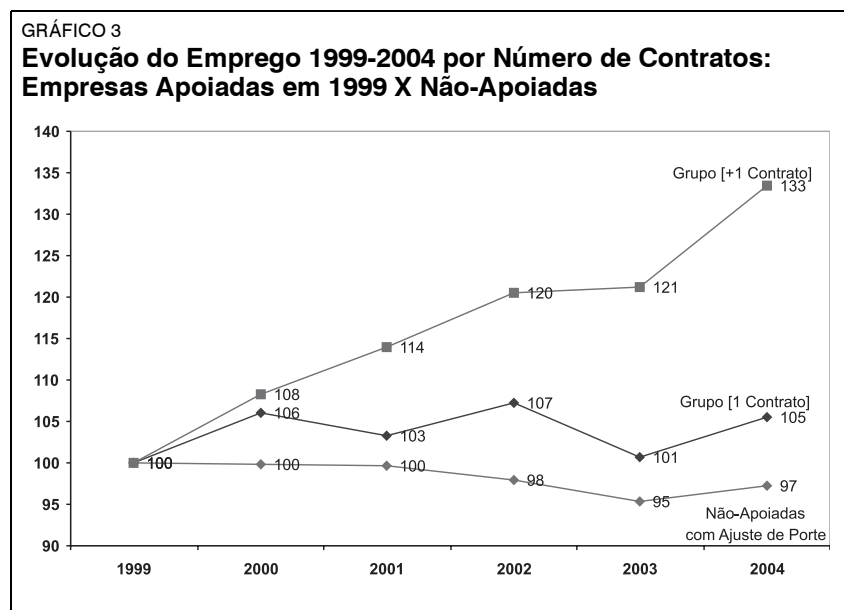
A evolução do número de trabalhadores desagregada por portes é apresentada no Gráfico 2. Pode-se observar que o efeito positivo do apoio do BNDES é ainda maior nas empresas de menor porte (micro, pequenas e médias empresas – MPME), em que a diferença entre as apoiadas e as não-apoiadas atinge 37 p.p. No caso das grandes empresas, essa diferença é de 33 p.p.

O Gráfico 3 apresenta a evolução comparada dos grupos das apoiadas somente em 1999 (grupo [1 contrato]), com as apoiadas em outros anos além de 1999 (grupo [+ 1 contrato]) e as não-apoiadas com ajuste.

Observa-se que os dois subgrupos das apoiadas têm crescimento aproximado no primeiro ano após o apoio. A partir do segundo ano, o grupo

GRÁFICO 2
Evolução do Emprego 1999-2004 por Porte: Empresas Apoiadas em 1999 X Não-Apoiadas





[1 contrato] tem comportamento oscilante, mas semelhante ao do mercado, enquanto o grupo [+ 1 contrato] apresenta crescimento expressivo na maioria dos anos subsequentes.

Importante também é verificar o comportamento dos vários grupos em 2003, ano de baixo crescimento econômico, no qual o PIB teve variação de 0,54%. Tiveram evolução positiva nesse ano as grandes empresas apoiadas e o grupo [+ 1 contrato]. As Tabelas 6 e 7, a seguir, apresentam os grupos [1 contrato] e [+ 1 contrato], respectivamente, desagregados por portes.

Pode-se observar que nas grandes empresas com apenas 1 contrato a evolução dos postos de trabalho mostra uma queda em 2004 em relação a 1999 (de 42.700 para 41.621). Ou seja, a boa *performance* das grandes empresas apoiadas ocorreu entre as pertencentes ao grupo [+ 1 contrato], que apresentou crescimento de 28% em 2004, relativamente a 1999.

TABELA 6

Grupo [1 Contrato] por Portes

PORTE	Nº DE VÍNCULOS	Nº DE EMPRESAS	PERFIL (%)	EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGADOS					
				1999	2000	2001	2002	2003	2004
Micro	Até 19	2.262	70,1	12.019	18.322	18.235	18.320	16.236	17.611
Pequena	20 a 99	730	22,6	30.589	33.016	31.676	31.282	29.034	30.241
Média	100 a 499	201	6,2	41.628	42.596	42.231	46.524	42.415	44.373
Grande	Acima de 500	34	1,1	42.700	40.690	38.992	39.899	40.032	41.621
Total		3.227	100,0	126.936	134.624	131.134	136.025	127.717	133.846
Evolução do Número de Empregados (1999 = 100)				100	106	103	107	101	105

Fonte: *Rais e Caged*.

TABELA 7

Grupo [+ 1 Contrato] por Portes

PORTE	Nº DE VÍNCULOS	Nº DE EMPRESAS	PERFIL (%)	EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGADOS					
				1999	2000	2001	2002	2003	2004
Micro	Até 19	1.444	34,4	11.789	19.908	31.701	34.457	27.791	31.579
Pequena	20 a 99	1.408	33,5	67.587	78.056	85.212	91.565	97.536	108.491
Média	100 a 499	1.040	24,8	240.911	267.152	278.218	296.589	296.231	335.491
Grande	Acima de 500	310	7,4	877.679	931.532	970.920	1.020.635	1.029.536	1.123.335
Total		4.202	100,0	1.197.966	1.296.648	1.366.051	1.443.246	1.451.094	1.598.896
Evolução do Número de Empregados (1999 = 100)				100	108	114	120	121	133

Fonte: *Rais e Caged*.

5. Conclusões

A pergunta formulada inicialmente neste estudo foi a seguinte: os financiamentos do BNDES são desempregadores? Para o passado recente, o estudo apresenta uma conclusão clara: as empresas apoiadas pelo BNDES geraram, ao longo do tempo, mais empregos do que as não-apoiadas, se comparados grupos com perfil de portes semelhantes. Em termos médios, o grupo das apoiadas teve uma *performance* superior ao das não-apoiadas em 6,71 p.p. ao ano, o que significou a geração ou a manutenção de 89.000 empregos por ano, se considerado apenas o grupo das apoiadas em 1999.

O estudo demonstrou, adicionalmente, que o efeito dos financiamentos do BNDES na geração/manutenção de empregos é maior nas MPME do que nas empresas de grande porte. Ademais, constatou-se que empresas que contrataram mais de um financiamento apresentaram, no agregado, crescimento sustentado na quantidade de postos de trabalho ao longo do período estudado, mesmo em anos de baixo crescimento da economia do país.

O modelo proposto também foi testado para empresas apoiadas em 2000. Os resultados, não apresentados neste artigo, foram consistentes com os obtidos para as empresas apoiadas em 1999.

Referências Bibliográficas

- DRAIBE, S. “Avaliação de impactos: experiências metodológicas em políticas sociais no Brasil”. In: *Evaluation of social impact*, Rio de Janeiro, out. 2002. Workshop BNDES/DFID/PNUD, 2002.
- NAJBERG, S.; IKEDA, M. “Modelo de geração de empregos: metodologia e resultados”. *Textos para Discussão*, BNDES, Rio de Janeiro, n. 72, 1999.
- PALATNIK, B.; PEREIRA, R. O.; NAJBERG, S. “Estimativa do impacto do apoio do BNDES no emprego: análise com simulação de grupo de controle”. *Nota técnica AP/DEPEC/BNDES*, Rio de Janeiro, n. 11/3, 2003.

